

EDUCAÇÃO AMBIENTAL E ESTUDOS CULTURAIS: PESQUISAS DESDE O SUL DO BRASIL

Leandro Belinaso Guimarães¹
Maria Lúcia Castagna Wortmann²

Resumo: O artigo examina a emergência de algumas vinculações postuladas entre Estudos Culturais e Educação Ambiental, notadamente as que se constituíram (e posteriormente se fortaleceram), a partir do final dos anos 1990, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, ainda, as que se desdobraram, a partir de 2008, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. O texto apresenta algumas das inúmeras pesquisas configuradas nesses quase vinte e cinco anos de história dos estudos articulatórios desses campos no sul do Brasil, indicando as principais direções que tais estudos têm seguido. Por fim, sem a pretensão de esgotar tal história, muito menos de reunir todas as possibilidades de pesquisa que se desdobram desta articulação, o artigo aponta para certa disseminação desses estudos no Brasil em nosso tempo presente.

Palavras-chave: Estudos culturais. Pedagogias culturais. Práticas culturais.

ENVIRONMENTAL EDUCATION AND CULTURAL STUDIES: RESEARCHES FROM THE SOUTH OF BRAZIL

Abstract: The article examines the emergence of some postulated linkages between cultural studies and environmental education, markedly, those that emerged (and later were strengthened) since the late 1990s, from the Graduate Program in Education of the Federal University of Rio Grande do Sul, as well as, those unfolded, since 2008, from the Graduate Program in Education of the Federal University of Santa Catarina. The text presents some of the numerous researches configured in these almost twenty-five years of history of articulatory studies in Brazil, indicating the main directions that such studies have followed. Finally, without the pretension of exhausting such a story, much less to gather all the possibilities of research that unfold this articulation, the paper points to spread, in our present time, these studies in Brazil.

Keywords: Cultural studies. Cultural pedagogies. Cultural practices.

¹ Doutor em Educação, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC, lebelinaso@gmail.com.

² Doutora em Educação, Professora dos Programas de Pós-Graduação em Educação da ULBRA e da UFRGS, wortmann@terra.com.br.

EDUCACIÓN AMBIENTAL Y LOS ESTUDIOS CULTURALES: INVESTIGACIONES DESDE EL SUR DE BRASIL

Resumen: El artículo examina el surgimiento de algunos vínculos postulados entre los Estudios Culturales y de Educación Ambiental, especialmente los formados (y posteriormente reforzados), desde finales de 1990, en el Programa de Posgrado en Educación de la Universidad Federal de Río Grande Sur y, también, aquellos que se han desarrollado, desde 2008, en la Educación Posgrado de la Universidad Federal de Santa Catarina. El artículo presenta algunos de estos numerosos estudios desarrollados en el período de veinticinco años, de la historia de los estudios articulados de estos campos en el sur de Brasil, lo que indica las direcciones principales que tales estudios han seguido. Finalmente, sin pretender agotar una historia así, mucho menos recoger todas las posibilidades de investigación que derivan de esta articulación, el artículo señala cierta diseminación de estos estudios en Brasil, en nuestro tiempo presente.

Palabras clave: Estudios Culturales. Pedagogías Culturales. Prácticas culturales.

1. Introdução

Iniciamos este texto indicando alguns de seus muitos propósitos: um deles é examinar a emergência de algumas vinculações postuladas entre Estudos Culturais e Educação Ambiental, notadamente as que se constituíram (e posteriormente se fortaleceram), a partir do final dos anos 1990, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e, ainda, as que se processaram, a partir de 2008, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Outro propósito é o de indicar algumas das direções que a proposta articulatória entre esses dois campos tem seguido, na medida em que consideramos ter ela se organizado como uma tendência investigativa bastante peculiar à qual não estão vinculados, apenas, estudiosos que realizaram sua formação no contexto político-educativo do PPG/Educação da UFRGS e do PPG/Educação da UFSC.

Registramos vinte estudos desenvolvidos nessa direção, no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, na Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação, em um período de aproximadamente quinze anos (1997-2013), constando, entre esses, dissertações de mestrado (7), teses de doutorado (5), projetos de pesquisa institucionais (4) e projetos em nível de Aperfeiçoamento (2) e Iniciação Científica (2). No Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC indicamos um total de 17 estudos conduzidos na Linha de Pesquisa Educação e Comunicação nos últimos seis anos (2008-2013), entre esses, dissertações de mestrado (4), Trabalhos de Conclusão de Curso (12) e Iniciação Científica (1)³.

Cabe, igualmente, registrar a elaboração de uma segunda geração de análises, que, hoje, estão em desenvolvimento, como já referimos, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) através das pesquisas orientadas por Leandro Belinaso Guimarães, mas, também, na Universidade Federal Fluminense (UFF) – sob orientações

³ No início de 2014 estão em desenvolvimento outros estudos sobre a mesma direção articulatória: no PPG/Educação da UFRGS uma Tese de Doutorado e no PPG/Educação da UFSC quatro Teses de Doutorado e duas Dissertações de Mestrado.

de Marise Basso Amaral e Shaula Sampaio –; na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA/RS) – com Maria Lúcia Wortmann e Daniela Ripoll –; na Universidade Federal de Rio Grande (FURG) – através das pesquisas orientadas por Paula Corrêa Henning –; na Universidade Federal de Uberlândia (UFF) – através do grupo liderado por Lúcia Estevinho Guido –; na Universidade de Sorocaba (UNISO) – nas pesquisas orientadas, sobretudo a partir dos anos 2000, por Marcos Reigota –; na Universidade Federal do Pará (UFPA) – em trabalhos do grupo coordenado por Sílvia Nogueira Chaves –; na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – através dos estudos conduzidos por Marco Barzano. Citamos apenas algumas universidades e pesquisadores, sem a pretensão de esgotar tal lista, mas indicando, através dela, como vem se ampliando, no Brasil, este campo articulatório de pesquisas.

Antes de prosseguirmos, é oportuno indicar que entre os aspectos que entrelaçam muitos dos estudos inaugurais da articulação entre Educação Ambiental e Estudos Culturais, destacam-se a dimensão constitutiva que neles é conferida ao conceito de cultura, bem como a centralidade atribuída ao conceito de natureza, objetivando-se, notadamente, destacar a desvinculação entre as visões que colocam cultura e natureza em oposição ou contraposição. Além disso, todos esses estudos salientam terem sido atribuídos à natureza, em diferentes espaços e tempos, significados também diversos a partir das construções culturais nesses vigentes.

Propomo-nos, então, neste texto, a refletir acerca das possibilidades, bem como das restrições dessa particular abordagem assumida para focalizar a Educação Ambiental, lembrando ser tal tipo de prática avaliativa bastante frequente em textos conduzidos a partir dos Estudos Culturais.

2. A emergência da articulação entre Educação Ambiental e Estudos Culturais

Data do ano 1997 a primeira dissertação de mestrado que focaliza o conceito de natureza na Linha de Pesquisa Estudos Culturais em Educação, no PPG/Educação da UFRGS, valendo-se das noções de *representação* e *pedagogias culturais* e dando destaque a uma particular pedagogia, colocada em operação na publicidade. O estudo, que inaugurou uma das tendências que passaram a inspirar as investigações conduzidas nessa linha de pesquisa, foi realizado por Marise Basso Amaral⁴. Nele foram examinados textos e imagens publicitárias para indicar como se configurava a natureza, bem como para discutir estratégias discursivas que operavam a desnaturalização da natureza nos anúncios publicitários focalizados. Amaral (1997a), que examinou textos e imagens que compunham as peças publicitárias de produtos variados, invocou estudos sobre publicidade conduzidos pela britânica Judith Williamson (1994), bem como análises midiáticas sobre grandes corporações conduzidas pelos norte-americanos Henry Giroux (1995) e Douglas Kellner (1995), autores que postulam a necessidade de habilitarem-se sujeitos a aprender a ler criticamente a mídia, em função da importância que passou a ter na configuração dos discursos públicos, a partir do século XX. No estudo que estamos referindo, Amaral (1997a) salientou que a natureza funciona como um referencial importante para a propaganda publicitária, destacando, ao mesmo tempo, o quanto o termo natureza é, nessa instância da cultura, esvaziado de alguns de seus

⁴ No estudo a autora examinou peças publicitárias veiculadas por emissoras de televisão gaúchas, bem como por revistas de amenidades nacionais, estando, entre elas, a propaganda do uísque *Chivas Regal* (1996), do leite *Parmalat*, do cigarro *Galaxy Ultra lights*, dos pneus *Goodyear*, dos veículos da *BMW*, de refrigerantes tais como a *Cherry-Coke*, o inseticida *Baygon* e *xampus* da marca *Natura*.

significados mais destacados, notadamente dos que lhe são atribuídos nos discursos preservacionistas e científicos. Aliás, a autora salientou, ainda, as muitas inversões produzidas na ordem das qualificações associadas a esse conceito, quando o consumo é invocado para definir seus atributos e atribuições de forma destacada. Aliás, a esse respeito cabe lembrar considerações feitas pelo geógrafo e antropólogo marxista escocês Neil Smith (1996), já falecido, que apontou para como a convocação ao uso de produtos que a propaganda afirma serem extraídos de substâncias *totalmente naturais*, tais como xampus, sabonetes, cremes e alimentos manufaturados variados, promete impactar menos o ambiente, bem como os seres que deles se utilizam. No entanto, como esse autor ressaltou, tal atribuição de valores positivos a esses produtos configura-se como uma forma de mercantilização da natureza, uma extensão de um *capitalismo verde*, que empresta verniz ambiental à defesa da exploração sustentada da natureza. Os estudos de Amaral (1997a, 1997b, 2000) aproximam-se das postulações de Smith (1996) ao destacar a importância de proceder-se uma leitura crítica de tais modos de utilização da natureza, apontando para o papel constitutivo que o discurso publicitário tem nesse processo de *desnaturalização*.

Aliás, propósitos semelhantes orientaram estudos conduzidos sobre outras produções da cultura por Cristiane Fensterseifer (2005), Maria Lúcia Wortmann (2004, 2005, 2007a, 2007b, 2008, 2012)⁵, Izabel Zoppas et alii (2003), Eunice Aita Isaia Kindel (2003)⁶ e Ingrid Corrêa Strelow-Lima (2001). Fensterseifer (2005, 2007) focalizou a série televisiva *Sítio do Picapau Amarelo*, na adaptação conduzida pela Rede Globo de Televisão entre os anos de 2001-2007, indicando ter ocorrido, nessa versão televisiva, a urbanização do *Sítio*. A casa da personagem Dona Benta ganhou todos os confortos da cidade – eletrodomésticos variados, tais como forno de microondas e computador –, estando localizada no centro de um enorme jardim com canteiros e calçadas. Aliás, também a horta, o lago e os estábulos tornaram-se imaculadamente limpos e organizados, sendo tais configurações que levaram Fensterseifer (2005) a argumentar estar destacada, nesse seriado televisivo, uma representação do rural impregnada de necessidades e peculiaridades urbanas.

Wortmann (2004, 2005, 2007a, 2007b, 2012) e Zoppas et alii (2003) examinaram histórias infantis e infanto-juvenis de autores brasileiros, tais como Érico Veríssimo⁷, Monteiro Lobato⁸, Angelo Machado⁹, entre outros¹⁰, nas quais estão

⁵ Tais estudos foram conduzidos como Projetos de Pesquisa Institucionais realizados junto à Universidade Federal do Rio Grande do Sul e à Universidade Luterana do Brasil por Maria Lúcia Wortmann.

⁶ Na tese de doutorado de Eunice Aita Isaia Kindel foram examinados os desenhos animados: *Vida de Inseto*, *O Rei Leão*, *Rei Leão II – o reino de Simba*, *Pocahontas – o encontro de dois mundos* e *Tarzan* (Walt Disney Company) e *FormiguinhaZ* (DreamWorks Studios).

⁷ Essas histórias foram escritas nos anos 1930, tendo sido reeditadas nos anos 1970 e, novamente, no início dos anos 2000. Relativamente a elas, a autora salienta pautar-se a organização dos grupos de animais e plantas utilizados como personagens por padrões humanos.

⁸ Foram examinados os seguintes livros que integram as histórias sobre O Sítio do Picapau Amarelo, originalmente editada nos anos 1920 e 1930: LOBATO, José Bento Monteiro. *As renações de Narizinho*. 24^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1971; LOBATO, José Bento Monteiro. *A menina do Narizinho Arrebitado*. São Paulo: Revista do Brasil. Monteiro Lobato & Cia, 1921; LOBATO, José Bento Monteiro. *Geografia de Dona Benta*. 8^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1954; LOBATO, José Bento Monteiro. *O Saci*. 17^a ed. São Paulo: Brasiliense, s.d.; LOBATO, José Bento Monteiro. *A reforma da natureza*. 38^a ed. São Paulo: Brasiliense/Pallotti, 1994; LOBATO, José Bento Monteiro. *Serões de Dona Benta (Física e Astronomia)*. 7^a ed. São Paulo: Brasiliense, 1957; LOBATO, José Bento Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. 32^a ed. São Paulo: Brasiliense/Pallotti, 1995; LOBATO, José Bento Monteiro. *Trabalhos de*

colocados em destaque, notadamente nas histórias de Lobato e de Machado, elementos que caracterizariam determinadas regiões brasileiras: sua fauna¹¹, flora¹², topografia etc. Wortmann (2007b) salientou ser o *sítio televisivo*, examinado por Fensterseifer (2005), bem diferente do narrado nas histórias originais de Lobato, especialmente em trechos da primeira edição do livro *A menina do narizinho arrebitado*, datada de 1921, nos quais o autor refere viver Dona Benta¹³ “no meio do mato”, “muito longe”, “em um lugar ermo”, “um grotão”, onde há um ribeirão no fundo do pomar, cujas águas são “tão claras que se pode ver as pedras do fundo e toda a peixaria miúda” (WORTMANN, 2007b, apud Lobato, 1921, p. 4). A autora (WORTMANN, 2007b) também destacou haver, nessa obra, um enaltecimento da vida privilegiada oferecida à Narizinho (a neta/personagem que vive no Sítio, com sua avó Dona Benta), representada pelo convívio intenso com a natureza rural. Enfim, o *sítio*, nessa obra, está representado como um ambiente ideal para as crianças, por disponibilizar-lhes “sabedorias de muitas ordens”, que incluem tanto saberes eruditos quanto populares sobre a natureza e o mundo, de um modo geral.

Já nas histórias narradas por Machado (1993), tais como *Chapeuzinho vermelho e o lobo guará*, misturam-se questões ecológicas e o folclore brasileiro. Na obra citada, foi recriado o tradicional conto de Charles Perrault (1628-1703), a partir de sua ambientação no cerrado “com suas árvores pequenas e tortas, mas cheias de flores e frutas”, tendo como “personagem mau” o caçador (Wortmann 2007 b, p. 347). A autora (2007a) enfatiza contrapor-se essa recontagem da história aos modos predominantes de narrarem-se as relações homem-natureza nos contos de fada, e em obras consagradas da literatura infanto-juvenil, tais como *Robinson Crusóé*, de Daniel Deföe¹⁴, *As viagens de Gulliver a terras desconhecidas*, de Jonathan Swift¹⁵, entre outros, pois nela são exercitadas ações direcionadas à reversão de estereótipos¹⁶.

Já Kindel (2003) estudou desenhos animados lançados pelos estúdios Disney e *Dreamworks*, na década de 1990, argumentando que a natureza, neles, não funciona

Hércules. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense/INC, 1972; LOBATO, José Bento Monteiro. *Fábulas*. 28ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1979.

⁹ Foram examinados os seguintes livros: MACHADO, Angelo. *Chapeuzinho vermelho e o lobo-guará*. São Paulo: Melhoramentos, 1993; MACHADO, Ângelo. *O tesouro do quilombo*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001; MACHADO, Angelo. *O ovo azul*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1998; MACHADO, Angelo. *O esquilo esquecido*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Salamandra, 1994.

¹⁰ Foram examinados livros com formato de paradidáticos escritos por: Dadí (1993) e Rosana Rios (1992), além de uma história infanto-juvenil de Lúcia Machado de Almeida: *O caso da borboleta Atília*. São Paulo: Ática, 1982.

¹¹ No livro *O saci* (17ª Ed, 194?) Lobato faz referência a espécies de peixe, tais como “piquiras”, “guarus barrigudinhos”, “lambaris ariscos” e “parapitingas”, espécies que viviam no interior de São Paulo e que são apresentadas pelo autor aos leitores e às leitoras do livro. Entre as aves são citados: sabiás de peito vermelho, sanhaços cinza claros, safras azuis, graúnas pretíssimas, corruíras cor de telha, canários – da terra, pintassilgos, rolinhas, tiés-sangue, joão-de-barro, entre outros (194?, p.13 e 14).

¹² No texto estão extensamente listadas árvores tais como jabuticabeiras, mangueiras de manga-espada, pés de romãs, cambucazeiros, jaqueiras, grumixamas, saptis, frutas-do-conde, entre outras, que embelezariam o pomar de Dona Benta.

¹³ Aliás, também Dona Benta é representada de forma bastante diferente na história lobatiana: [ela é] ...”uma triste velha, de mais de setenta annos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e tremula, e catacega, sem um só dente na bocca — jururu” (Excerto retirado de edição fac-similar à 1ª edição desse texto publicada na Revista do Brasil, p.3, transcrito por WORTMANN, 1997b).

¹⁴ A pesquisadora Diana Maria Marchi (2000) refere ser a data deste texto 1719.

¹⁵ A pesquisadora Diana Maria Marchi (2000) refere ser a data deste texto 1726.

¹⁶ Tal expressão foi utilizada a partir de análises conduzidas por Stuart Hall (1997) acerca das representações de negros e de negritude veiculadas nos filmes hollywoodianos.

como um simples cenário, no qual se desenvolvem os enredos: assim, ela não é invocada, apenas, para embelezar, matizar e tonalizar temas e personagens, mas para marcá-los, ordená-los, enquadrá-los e classificá-los quando da apresentação de visões de mundo aos/às expectadores/as. Além disso, a autora qualificou serem estes desenhos espaços educativos – *pedagogias culturais* –, que ensinam de forma prazerosa, entrelaçando em suas tramas representações de natureza (e de seres que nela habitam) e questões de gênero/sexualidade, raça, etnia/nacionalidade e classe social.

Por sua vez, Strelow-Lima (2001) discutiu como reportagens de revistas, que qualificou como Ecoturismo/aventura, editadas nos anos de 1999/2000, configuravam peculiares modos de narrar a natureza, bem como de sobre ela agir, como mais adequados e corretos, incitando seus leitores e leitoras a participarem de excursões, bem como a se utilizarem de uma série de equipamentos e alimentos, que lhes permitiriam uma melhor integração à natureza. Como a autora (STRELOW-LIMA, 2001) indicou, tais revistas promoviam a associação da natureza a ações de exploração, aventura, prazer, ou descanso, ligando-se tudo isso, intensamente, ao consumo.

A partir da breve apresentação desse conjunto de estudos que focalizam diferentes produções da cultura, apontamos significados atribuídos à natureza, bem como algumas formas de representá-la, que ora se associam, dialogam ou se complementam, ora são antagônicas e mesmo se contrapõem: na literatura infantil mais tradicional, por exemplo, como destacou Wortmann (1997b) as florestas são algumas vezes locais encantados, onde vivem seres mágicos, mas, outras vezes, são locais aterrorizantes e cheios de perigos; já nas histórias de Machado, como salientou a mesma autora, há uma intencional e constante nomeação de espécies, mitos e paisagens brasileiras, enquanto no desenho animado *O rei leão*, examinado por Kindel (2003) florestas escuras e com árvores diminutas e retorcidas são os locais habitados pelos personagens/leões *maus*, enquanto os personagens/leões *bons* vivem entre árvores frondosas e cheias de flores e frutos, que permitem uma adequada passagem da luz solar; além disso, na propaganda (AMARAL, 1997a, 1997b) e nas revistas de ecoturismo (STRELOW-LIMA, 2001) evoca-se a naturalidade das florestas para associá-las, diferenciadamente, ao consumo. Lembramos, então, invocando Stephen Heath (2002, p.406), que “uma obra não é um todo contido em si mesmo, [o resultado de uma construção/invenção] realizada por um autor individual, mas a absorção e a transformação de outros textos” e que, um texto também “não é o reflexo de um *exterior* não textual, mas uma prática de escritura que se inscreve – e que está inscrita – no social como um campo intertextual, uma malha de sistemas textuais”. Associamos a essa consideração, afirmação de DuGay e Hall (1997) sobre instituírem-se os significados e as representações atribuídas aos sujeitos e às coisas em circuitos de significação, que incluem práticas representacionais em operação em toda e qualquer cultura, para salientar que tais compreensões inspiraram a organização desse primeiro conjunto de estudos que apresentamos. Como já indicamos, esses objetivavam examinar em diferentes instâncias e produções da cultura relações entre natureza e cultura, objetivando estender essa compreensão ao entendimento de como se estabelecem, preferencialmente, e até mesmo se cristalizam, em determinadas épocas, certas formas de configuração de problemáticas ambientais. Ressaltamos que tais preocupações orientam, igualmente, o segundo conjunto de estudos que passamos a referir, mesmo que esses se ocupem, também, e talvez até mais intensamente, com questões relacionadas a produções identitárias.

É possível indicar que este segundo bloco de estudos inaugura-se com a dissertação de mestrado de Leandro Belinaso Guimarães (1998), na qual o autor colocou em destaque as condições de possibilidade que permitiram a emergência de um discurso ambientalista organizado em torno de uma entidade não governamental – a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN) – nos anos de 1970. Guimarães (1998) examinou propostas educativas ambientais que precederam a tal momento, ao examinar proposições, textos e ações ambientalistas em curso no Rio Grande do Sul nos anos de 1950-1970, detendo-se, especialmente, nas obras e ações de Henrique Luís Roessler, Balduino Rambo, Augusto Carneiro e José Lutzenberger. Tal estudo, que apontou descontinuidades na história do ambientalismo gaúcho, inspirou uma série de outros, realizados pelo próprio Guimarães (2007), mas, também, a dissertação de mestrado de Maria Cecília Braun (1999), a tese de doutorado de Marise Basso Amaral (2003), a dissertação de mestrado e a tese de doutorado de Shaula Maira Vicentini Sampaio (2005, 2012, respectivamente), bem como estudos conduzidos por Wortmann (2008, 2012)¹⁷ e Pires (2008).

A dissertação de Braun (1999) focalizou representações de ambiente em comunidades de imigrantes alemães, a partir do exame de textos antigos selecionados em livros didáticos utilizados em uma dessas comunidades – a colônia de São Leopoldo, RS – entre o final do século XIX e os anos de 1940 do século XX, bem como em jornais editados por associações de professores, nessa mesma época. A autora (BRAUN, 1999) indicou que nesses textos as matas da região eram representadas como exuberantes, mas qualificadas como possuidoras de solo inóspito e improdutivo, o que justificou a sua substituição por áreas de plantio. O estudo indicou, ainda, a posição de superioridade conferida aos imigrantes alemães e a seus descendentes, nesses textos, pela constante comparação com os demais habitantes da região – os bugres¹⁸, os negros, os mestiços e os portugueses – qualificados, respectivamente, como perigosos e selvagens, preguiçosos e incompetentes para lidarem com o ambiente que se lhes apresentava. Ressaltamos, também, a partir de Braun (1999), a atribuição conferida a esses imigrantes alemães, descritos como gente branca e industriosa, tanto na agricultura como nas artes, e, em função disso, capaz de povoar e cultivar as regiões que lhes foram oferecidas, caracterizadas como terras florestais ainda vazias e inexploradas. Mas, ao mesmo tempo, como também indica a autora, cabia-lhes impulsionar a formação de uma classe média composta por artesãos, artífices e agricultores das pequenas propriedades rurais, sendo esse o desejo do Governo Imperial (BRAUN, 1999, p. 97-98). Como a autora apontou, nessas tramas discursivas, e nas ações estratégicas implementadas, compôs-se não apenas um modelo ideal e desejável de habitante para essas regiões colonizadas, mas igualmente atribuiu-se a esses sujeitos imigrantes alemães a incumbência de civilizar o ambiente natural (habitado pelos bugres nativos), o que foi procedido em um difícil (mas lucrativo) processo de transformação da mata em fonte de matéria prima para a subsistência (BRAUN, 1999, p.98-100). Como alguns dos textos estudados pela autora (BRAUN, 1999) ressaltaram, foi a partir da intervenção benigna e civilizadora dos europeus que se tornou possível utilizar a riqueza de recursos naturais

¹⁷ Projeto de pesquisa institucional desenvolvido junto aos Programas de Pós-Graduação em Educação da UFRGS e da ULBRA, no qual foram examinadas 26 canções (todas elas com ampla circulação nacional e, muitas delas, também internacional) compostas em diferentes épocas da vida social e política da nação brasileira.

¹⁸ A autora manteve a denominação atribuída aos grupos indígenas que habitavam a região pelos cronistas consultados.

oferecida pelo ambiente e alavancar o progresso! Então, a partir do que Braun (1999) apontou, destacamos como a configuração do que significa lidar adequadamente com o ambiente natural se confunde, ao longo do tempo, com atribuições conferidas a determinados grupos étnicos, nas histórias sobre eles narradas, aspecto que também foi abordado por Guimarães (2007).

Em seu estudo de tese, Guimarães (2007) examinou processos e discursos que operaram na direção da nacionalização da Amazônia em um momento e circunstância específicos: o período da Primeira República brasileira. Para tanto, o autor se debruçou em um conjunto variado de textos (ensaios, cartas, relatórios, ofícios, livros, diários, artigos jornalísticos), especialmente os escritos por Euclides da Cunha sobre a floresta, privilegiando-se aqueles produzidos em decorrência de uma viagem oficial feita pelo referido autor, em 1905, como chefe da Comissão Brasileira de Reconhecimento do Alto Purus, para colher dados acerca da delimitação territorial dessa área. Foi central à pesquisa a consideração nas análises do conceito de hibridação cultural. Através dessa noção, ampliaram-se as articulações do estudo focalizado na tese a outros campos de saberes, ao colocarem-se em relação diferentes elementos que parecem ter atuado na *invenção* de um olhar efetivamente nacional para a Amazônia, naquele momento de inauguração da República. Assim, *hibridar* a Amazônia que emergia das páginas escritas por Euclides da Cunha referiu-se ao ato investigativo de colocar em jogo elementos que, muitas vezes, poderiam ser vistos como paradoxais ou excludentes em outras perspectivas teóricas. Na pesquisa, no entanto, esses são configurados como atuantes, ao mesmo tempo, na instituição da Amazônia como um território nacional. Esteve em jogo nesse processo tanto o enfraquecimento das narrativas estrangeiras de viagem sobre a Amazônia, que também atuaram na promoção de um *desencantamento* de seu território, como a *invenção* de uma raça nacional tida como capacitada a desencadear a transformação da floresta e sua efetiva integração a um país clamante de progresso, de civilização e de desenvolvimento econômico.

Na tese de Amaral (2003) o que foi colocado em pauta foram construções culturais procedidas sobre o Rio Grande do Sul, nos relatos de quatro viajantes-naturalistas franceses – Auguste de Saint-Hilaire, Arsene Isabelle, Nicolaus Dreys e Aimé Bompland –, que estiveram no Rio Grande do Sul, na primeira metade do século XIX. Nesse estudo, a autora discute mais uma das instâncias em que se engendram/inventam modos de pensar culturalmente a natureza, reportando-se, também, tal como Braun (1999) e Guimarães (2007) a outros tempos históricos. Mas Amaral (2003) buscou, também, indicar marcadores estéticos que apontassem para o que se deve *ver*, *admirar*, *conservar* e *proteger* no mundo dito natural, nos processos de construção cultural. A autora ressaltou que, muitas vezes, dá-se pouca importância a tais marcadores por não terem essas vinculações diretas a destruições, desperdícios ou crimes ambientais perpetrados pela espécie humana. Amaral (2003) pontuou, então, a importância de atentar para tais aspectos, por contribuírem eles para o entendimento de como operam os processos de construção dos significados. Assim, registrou a autora, configurações da natureza como selvagem, bela, inóspita, exótica, sublime, primitiva, pitoresca, e acrescentamos nós, ou em risco, decorrem, sempre, de experiências arbitrárias histórica e culturalmente processadas em meio a intensas negociações e disputas. E esse é um dos motivos que justificam o interesse da Educação Ambiental em pensar sobre os modos como se lidou com a natureza em outros tempos históricos: busca-se, assim, compreender porque tantas vezes o que é tomado como uma verdade

incontestável decorre de uma invenção/construção cultural solidamente assentada em um complexo conjunto de práticas e discursos que se interpenetram.

Já a tese de Sampaio (2012) ocupa-se com discursos contemporâneos sobre a Amazônia e com os modos como esses posicionam as chamadas populações tradicionais, locais, nativas ou autóctones – índios, ribeirinhos, seringueiros, por exemplo –, para debater questões que historicamente têm atuado na invenção de modos de pensar e de agir em relação à Amazônia. A autora problematiza discursos ambientalistas, da educação ambiental, bem como discursos políticos, gerenciais e midiáticos, que classificam essas populações como mais puras e autênticas do que as urbanas por considerá-las mais próximas à natureza ou como possuidoras de modos de vida mais sustentáveis do que os urbanos, ocidentais e consumistas, de onde adviria a importância de valorizá-las e defendê-las para que não desapareçam, diante das ameaças provenientes das forças da globalização. Aliás, Sampaio (2012) argumenta, tal como Guimarães (2012), configurar-se a sustentabilidade, em muitos desses discursos, como um dispositivo estratégico que articula a floresta e os seus habitantes, produzindo uma renovada leitura do espaço amazônico. Como a autora indicou, há muitas *invenções* da Amazônia representadas nos fragmentos textuais que construiu para proceder as suas análises: as que integram as narrativas dos missionários de ordens religiosas e os relatos dos viajantes naturalistas que percorreram a floresta, a partir do século XVIII, que marcam ora o assombro frente à enormidade da floresta e dos seres que a habitavam, ora uma dimensão mítica geradora de lendas, ora, ainda, o espanto frente a abundância de espécies que demandavam o olhar classificatório da emergente ciência natural moderna; as que configuram a Amazônia como uma terra vazia (a despeito de seus milhares de habitantes indígenas), precisaria ser explorada, desenvolvida, ocupada, colonizada tal como Guimarães (2007) igualmente salientou, e que ressurgem, com frequência, em discursos políticos ou econômicos sobre essa região; as que apontam para a necessidade de salvar-se essa floresta; as que configuram esta região como o lugar de maior biodiversidade do mundo; e as que intencionam destacar a importância de ver-se a floresta amazônica como um imenso jardim cultivado pelas populações nativas (SAMPAIO, 2012, p. 39-75)

Seguem esses estudos, os projetos conduzidos por Wortmann (2008, 2012) e Pires (2008), que examinaram canções que abordam temas tais como *natureza, nação e regionalidade, urbanidade*, independentemente da vertente, movimento estético-ideológico, caráter regional ou gênero musical em que estão categorizadas.

3. Educação Ambiental e Estudos Culturais: desdobramentos atuais

Muitos são os desdobramentos que se processaram, mais recentemente, através de muitas pesquisas, a partir desses variados estudos que comentamos até aqui. Consideramos importante dizer que outros começos para o instigante encontro entre Educação Ambiental e Estudos Culturais se constituíram a partir de outros grupos de pesquisa espalhados pelo continental Brasil (apontamos algumas dessas reverberações na introdução). Alguns desses estudos se relacionam intimamente com a narrativa que acabamos de finalizar na seção anterior, sobretudo por alguns de seus pesquisadores terem sido engendrados no interior dessa história. Outros conversam apenas sutilmente com ela, pois os contextos formativos que acionam são diferentes, por ora provenientes da psicologia social, da mídia-educação, da análise do discurso. É importante dizermos que não contamos a história definitiva, nem a única, nem ela é o fundamento de todas as

pesquisas que se localizam (sempre de forma tênue e instável) no campo articulatório entre Educação Ambiental e Estudos Culturais. Consideramos, contudo, que o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil, através do grupo liderado por Maria Lúcia Castagna Wortmann, foi um dos que mais intensamente processou estudos que tinham nessa articulação um dos seus desejos mais proeminentes.

Feitas estas considerações, já em caráter de conclusão do nosso artigo, passamos a referir um dos desdobramentos que se processou da história que contamos, também na região Sul do Brasil, através dos trabalhos de pesquisa conduzidos no Grupo Tecendo, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina. Optamos pela referência a esse grupo, pois seu coordenador (coautor do artigo) vivenciou grande parte da história lida na seção anterior do texto (inclusive por ter sido orientado no mestrado e no doutorado pela professora Maria Lúcia Wortmann). E mais, articular Educação Ambiental e Estudos Culturais é o desejo proeminente dos estudos e das pesquisas realizadas no grupo.

Duas das dissertações de mestrado realizadas no Tecendo, de Janice Zanco (2010) e de Gabriele Salgado (2011) valeram-se da noção de dispositivo artístico, acionada, sobretudo, a partir de alguns estudos de cinema¹⁹, para a condução de suas pesquisas. Uma das questões que esteve em jogo nesses dois estudos, ambos feitos no Parque Municipal da Lagoa do Peri, em Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, foi: como poderíamos pensar a educação ambiental como um dispositivo artístico? O desafio das pesquisas de Janice Zanco (2010) e de Gabriele Salgado (2011) foi criar um dispositivo para que sujeitos (crianças e moradores próximos ao parque, respectivamente) pudessem acionar lentes não habituais para ver a Lagoa do Peri. E, através delas, outros modos de ver, pudessem narrar aquele lugar de modos singulares, dando espaço ao que, até então, se mostrava como invisível naquele parque.

O trabalho de Janice Zanco (2010) encontrou na brincadeira do faz-de-conta uma maneira de provocar novas narrativas e uma experiência imaginativa sobre a Lagoa do Peri com crianças em fase inicial de alfabetização. A brincadeira iniciou-se, fazendo de conta que existia uma senhora chamada dona Generosa. Criou-se uma história, recheada de mistérios, que levou as crianças a fazerem uma pesquisa sobre quem seria e como vivia dona Generosa no parque da Lagoa do Peri. As crianças foram estimuladas a narrar histórias, que tivessem como pano de fundo essa Lagoa, por meio de diferentes formas: ouvindo e contando histórias, desenhando, escrevendo, filmando, fotografando. A misteriosa dona Generosa nunca foi descoberta, mas as inúmeras produções das crianças permitiram antever uma Lagoa imaginativa repleta de mistérios, de perguntas, de vidas. A pesquisa discutiu o quanto as trilhas interpretativas existentes nos parques de proteção ambiental inibem outras narrativas criativas das crianças. O estudo da pesquisadora investiu mais na discussão do dispositivo criado do que na análise das narrativas inventadas pelas crianças.

Já a pesquisa de Gabriele Salgado (2011) discutiu, através de imagens fotográficas produzidas por sujeitos moradores do entorno do mesmo parque, em uma região conhecida como *sertão do Peri*, como tais sujeitos narravam, pela fotografia, o lugar onde viviam. Vale destacar que a pesquisadora se valeu de um dispositivo que pretendeu, através da disponibilização de máquinas fotográficas digitais para algumas pessoas da localidade, que os sujeitos registrassem algo do seu cotidiano. A autora

¹⁹ Ver sobre essa noção de dispositivo o artigo de Guimarães (2012) e Sampaio e Guimarães (2012).

problematizou a noção de *tradição* que se cola àquele lugar, intervindo digitalmente nas imagens e ampliando, nesse movimento, as possibilidades de ver e narrar a vida naquela localidade.

Não se tratou, nesses trabalhos, de contar, documentar, arquivar, analisar uma história já vivida, mas de viver uma história para poder contar, criar, experienciar, diagnosticar. Histórias produzidas por um agir, por uma ativação, por uma maquinação prevista para que uma narrativa possa ser criada. Será que outros modos de ver e de enunciar diferentes lugares poderiam ser *inventados* nas tramas suscitadas por uma educação ambiental pensada como *dispositivo artístico*? Essa foi a pergunta que moveu essas duas pesquisas.

Outras duas dissertações, que desejamos apenas indicar, lidaram com práticas culturais também relativas a um lugar. Na dissertação de Sara Melo (2011), foram os brincantes de coco de roda e ciranda da Paraíba que estiveram sob o olhar arguto da pesquisadora, que vislumbrou as representações de meio ambiente nas letras de inúmeras canções. Já o estudo de Heloísa Karam (2013), examinou como histórias de infância contadas à pesquisadora por moradores de uma localidade pesqueira construíam laços afetivos com o lugar, multiplicando os modos de se narrar um ambiente visto comumente como repleto de marcas fixas de certa tradição. Questão também explorada nos estudos de Gabriele Salgado (2011) e de Sara Melo (2011).

Já na Universidade Luterana do Brasil foram desenvolvidas três dissertações de mestrado, realizadas, respectivamente por Paim (2010), Costa (2009) e Rodrigues (2010), as quais discutiram ações ambientais em curso na mídia e na propaganda de grandes corporações e propostas agroecológicas vinculadas ao turismo rural.

Para finalizar, queremos dizer que visitar e escrever essa história foi muito instigante para nós, autores deste artigo. Acreditamos que há um ótimo conjunto de referências de pesquisa, que pode vir a colaborar com todos que se interessam pela articulação entre Educação Ambiental e Estudos Culturais – menos para se valerem dos estudos como se fossem protocolos a serem seguidos e mais, quem sabe, para inventarem, através deles, novos e inusitados traçados, para desdobrarem dessas pesquisas perguntas outras, que permitam manter vivo e atual o compromisso, ao mesmo tempo político e poético, dos estudiosos da cultura com certa escuta atenta, delicada, minoritária e sensível das práticas culturais que nos atravessam e nos enredam no tempo presente.

Referências

AMARAL, M.B. *Histórias de viagem e a produção cultural da natureza: a paisagem do Rio Grande do Sul segundo os viajantes estrangeiros do século XIX*. 2003. 353 F. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

AMARAL, M.B. Natureza e representação na pedagogia da publicidade. In: COSTA, M.V. (Org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema...* Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. p.143-173.

AMARAL, M.B. *Representações de natureza na educação pela mídia*. 1997. 187 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997a.

AMARAL, M.B. O que a natureza vende? Um olhar sobre as representações da natureza no discurso publicitário. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n 2, p.117-132, jul-dez. 1997b.

BRAUN, M.C. *Do vale das matas nativas ao vale do progresso: um estudo sobre as representações de ambiente em comunidades de imigrantes alemães*. 1999. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.

COSTA, S. *Educação ambiental, ambiente e natureza na mídia impressa: análises a partir dos Estudos Culturais*. 2010. 88 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Universidade Luterana do Brasil. Canoas, 2009.

Du GAY, P.; HALL, S. The work of representation. In: HALL, S. *Representation: cultural representations and signifying practices*. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/The Open University, 1997. p.1-74.

FENSTERSEIFER, C. Lições de natureza e muitas outras no Sítio do Picapau Amarelo. In: WORTMANN, M.L. et al. (Orgs.). *Ensaaios em Estudos Culturais, Educação e Ciência: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia – instâncias e práticas contemporâneas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p.205-222.

FENSTERSEIFER, C. *Lições de natureza no Sítio do Picapau Amarelo*. 2005. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

GIROUX, H. Praticando estudos culturais nas Faculdades de Educação. In: SILVA, T.T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p.83-100.

GUIMARÃES, L.B. Notas sobre o dispositivo da sustentabilidade e a produção de sujeitos “verdes”. In: SARAIVA, K.; MARCELLO, F. de A. (Orgs.). *Estudos Culturais e Educação: desafios atuais*. Canoas: Editora da ULBRA, 2012. p.219- 232.

GUIMARÃES, L.B. *Um olhar nacional sobre a Amazônia: apreendendo a floresta em textos de Euclides da Cunha*. 2007. 231 f. + Anexos. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.

GUIMARÃES, L.B. *O educativo nas ações, lutas e movimentos de defesa ambiental: uma história de discontinuidades*. 1998. 104 f. + Anexos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1998.

KARAM, H. da S. *Histórias de infância e o que nos ensinam sobre modos de (re)viver e sentir um ambiente*. 2013. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

KELLNER, D. Lendo imagens criticamente: em direção a uma pedagogia pós-moderna. In: SILVA, T.T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p.101-127.

KINDEL, E.A.I. *A natureza ensinando sobre raça, etnia e outras coisas mais nos desenhos animados*. 2003. 194 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.

- HALL, S. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul/dez. 1997.
- HEATH, S. In: PAYNE, M. *Diccionario de teoría crítica y estudios culturales*. Paidós: Buenos Aires/Barcelona/México, 2002.
- MACHADO, A. *Chapeuzinho vermelho e o lobo-guará*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.
- MARCHI, D.M. *A literatura infantil gaúcha*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- MELO, S.D. *O ambiente cantado e contado pelos brincantes de coco de roda e ciranda da Paraíba*. 2011. 295 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.
- PAIM, E.G. *Pedagogias culturais em ação: um estudo das estratégias publicitárias da Aracruz Celulose*. 2010. 143 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil. Canoas, 2010.
- PIRES, F. de B. *Cantando (e ensinando) a natureza na música gaúcha*. Iniciação Científica. (Graduação em Ciências Biológicas) – Universidade Luterana do Brasil. Canoas, 2008.
- RODRIGUES, M.C. *Caminhos Rurais. Representações sobre Patrimônio Natural no Turismo Rural: ensinando a ser agroecológico*. 2011. 106 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Luterana do Brasil. Canoas, 2010.
- SALGADO, G.N. *Educação ambiental e Foto-Dispositivo: outras imagens do Sertão do Peri*. 2011. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.
- SAMPAIO, S.; GUIMARÃES, L.B. O dispositivo da sustentabilidade: pedagogias no contemporâneo. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 30, n. 2, p.395-409, maio/ago. 2012.
- SAMPAIO, S. *"Uma floresta tocada apenas por homens puros..." Ou do que aprendemos com os discursos contemporâneos sobre a Amazônia: narrativas sobre populações tradicionais e seus saberes sobre a natureza*. 2012. 298 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.
- SAMPAIO, S. *Notas sobre a "fabricação" de educadores/as ambientais: identidades sob rasuras e costuras*. 2005. 195 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.
- SMITH, N. The production of nature. In: ROBERTSON, G. et al. (Eds). *Future Natural: nature, science, culture*. London/New York: Routledge, 1996.
- STRELOW-LIMA, I.C. *Conhecer para colonizar, colonizar para conhecer: a autenticidade da natureza no discurso do Ecoturismo*. 2001. 78 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2001.
- ZANCO, J. *Dona Generosa e as crianças disparam... outros modos de ver a Lagoa do Peri*. 2010. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ZOPPAS, Isabel; TODESCHINI, Caroline; WORTMANN, Maria Lúcia. Divulgação Científica na Literatura Infanto-Juvenil: um exame das representações de natureza na obra de Angelo Machado. *Revista de Iniciação Científica da ULBRA*, Canoas, v. 2, p. 193-203, 2003.

WILLIAMSON, J. *Decoding advertisements: ideology and meaning in advertising*. 10ª ed. London/New York: Marion Boyars, 1994.

WORTMANN, M.L.C. Natureza e Nação na música popular brasileira. In: PREVE, A.M.H. et al. (Orgs.). *Ecologias Inventivas: conversas sobre educação*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012. p.177-198.

WORTMANN, M.L.C. A pedagogia nas produções da cultura: a nação que se aprende e a natureza que se exalta na música popular brasileira. Projeto de pesquisa institucional desenvolvido junto à Universidade Luterana do Brasil e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008 (Inédito).

WORTMANN, M.L.C. A natureza e a literatura infanto-juvenil. In: WORTMANN, M.L. et al. (Orgs.). *Ensaio em Estudos Culturais, Educação e Ciência: a produção cultural do corpo, da natureza, da ciência e da tecnologia – instâncias e práticas contemporâneas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007a. p.187-204.

WORTMANN, M.L.C. Uma leitura da ciência (e também da natureza) a partir da literatura infantil. In: VARANI, A.; FERREIRA, C.R.; PRADO, G. do V.T. (Orgs.). *Narrativas docentes: trajetórias de trabalhos pedagógicos*. Campinas: Mercado das Letras, 2007b. p. 327-352.

WORTMANN, M.L.C. Dos riscos e dos ganhos de transitar nas fronteiras dos saberes. In: COSTA, M.V.; BUJES, M.I. (Orgs.). *Caminhos Investigativos III*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.45- 68.

WORTMANN, M.L.C. Por que se valer do cinema, da mídia, da literatura, da televisão para discutir natureza/ambiente? In: ZAKRZEWSKI, S.B.; BARCELOS, V. (Orgs.). *Educação Ambiental e Compromisso Social: pensamentos e Ações*. Erechim: EDIFAPES, 2004. p.147-162.

Artigo submetido em 06/03/2014

Artigo aprovado em 10/06/2014